

Globalização: a dialética entre a experiência local e a inclinação universal do conhecimento filosófico na vivência histórica intercultural

Globalització: la dialèctica entre l'experiència local i la inclinació universal del coneixement filosòfic en l'experiència històrica intercultural

Globalización: la dialéctica entre la experiencia local y la inclinación universal del conocimiento filosófico en la experiencia histórica intercultural

Globalization: the dialectic between local experience and the universal inclination of philosophical knowledge in intercultural historical experience

Samuel DIMAS¹

Resumo: Neste estudo pretendemos apresentar a metodologia do pensar global que recusa a tradicional estratégia da «mundialização», que pretende impor de forma universal um único modelo económico-social, e propõe a promoção das relações interculturais e a valorização das identidades nacionais e linguísticas. Neste sentido, a globalização não significa uma homogeneização do pensamento, mas o reconhecimento da importância da diversidade filosófica, literária e artística para o desenvolvimento civilizacional e para o progresso da humanização dos povos. A imposição ideológica de correntes de pensamento e de métodos de investigação, disseminada através do *basic english*, deve ser substituída por uma interpretação crítica que atenda à dinâmica existencial do ser-no-mundo e do ser-no-lugar e valorize os modelos de intercomunicação cultural na dialética entre a particularidade do pensamento situado e a sua inclinação para a universalidade.

Palavras-chave: Interculturalidade – Globalização – Localização – Filosofias nacionais e universais.

Summary: In this study we intend to present the methodology of global thinking that

¹ Professor do [Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Universidade Católica Portuguesa](#) / [CEG – Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta](#) / [CITER - Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião](#). *ORCID:* [Samuel Dimas \(0000-0002-0968-3616\)](#) - *ORCID*. *E-mails:* sdimas@ucp.pt e samueldimas@meo.pt.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

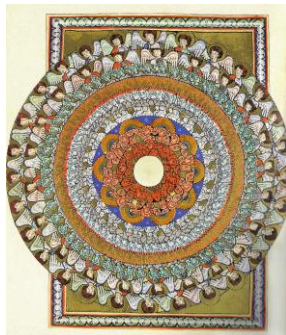
rejects the traditional strategy of “globalization”, which aims to universally impose a single economic-social model and proposes the promotion of intercultural relations and the valorization of national and linguistic identities. In this sense, globalization does not mean a homogenization of thought, but the recognition of the importance of philosophical, literary and artistic diversity for the civilizational development and progress in the humanization of peoples. The ideological imposition of currents of thought and research methods, disseminated through Basic English, must be replaced by a critical interpretation that addresses the existential dynamics of being-in-the-world and being-in-place and values models of intercommunication cultural in the dialectic between the particularity of situated thought and its inclination towards universality.

Keywords: Interculturality – Globalization – Localization – National and universal philosophies.

ENVIADO: 10.05.2024
ACEPTADO: 12.07.2024

Introdução: a globalização como inter-relação entre o local e o universal

A era da globalização em que vivemos encerra uma tensão entre «universalismos» confusos e abstratos, de imposição económica e tecnológica, e «particularismos» existenciais e concretos, de reação nacionalista e religiosa. A pressão dos movimentos liberais e culturais mundiais que promovem a liberdade de circulação de bens, capitais e serviços, a inclusão, a relação simétrica e a abertura universal ao diferente de forma abstrata e invasiva, com expressões de proselitismo sectário, provocam a reação de movimentos protecionistas locais de exclusividade, auto-referência e seletividade assimétrica tal como se pode identificar no programa dos partidos radicais de extrema-direita ou no ideário doutrinal dos grupos religiosos fundamentalistas. O desenvolvimento científico realizado em laboratórios e universidades também padece desta tensão sob a chantagem das estratégias



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

políticas e dos programas transnacionais de financiamento.

A abertura das perspetivas irreversíveis da existência finita concreta ao horizonte alargado do mundo multi-cultural só assinala o impulso do desenvolvimento civilizacional se incluir novas categorias que articulem as instâncias cosmopolitas e locais numa sã ordenação política e cívica. De que forma a tradição cultural lusófona técnico-científica, filosófico-literária e artístico-musical contribui para o dinamismo saudável da globalização assente nos valores ecuménicos da humanização? De que maneira uma filosofia da globalização pode identificar vias de superação desta cisão socio-cultural entre local e global na promoção de uma coexistência universal que atenda ao dinamismo solidário e assimétrico ou dialógico da participação, situação e habitação? Em que sentido poderemos promover uma cultura da comunhão?

I. De uma ideologia da mundialização para uma filosofia da globalização

O movimento da globalização, no sentido enunciado por Théodore Levitt e Peter Sloterdijk, encerra uma perspetiva ideológica relacionada com a economia de mercado e a expansão do capital financeiro, nomeadamente através da eliminação de barreiras ao comércio internacional. Tem por objetivo mais amplo um mundo unificado na procura da felicidade através da liberdade, da justiça social e da defesa dos direitos humanos, com o contributo de instituições supranacionais como o *Banco Mundial*, o *Fundo Monetário Internacional*, a *Organização das Nações Unidas* ou o *Tribunal Internacional de Justiça*. A convergência dos mercados daria origem a uma sociedade mundial ou universal que, na sua forma atual, pós-imperial e pós-colonial, já não é onto-morfológica mas eletrónica e digital, correspondendo à ampliação do espaço interior do mundo capitalista com o suporte do sistema monetário internacional².

² SLOTERDIJK, Peter. *En el mundo interior del capital. Para una teoría filosófica de la globalización*. Madrid: Ediciones Siruela, 2019, p. 29.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

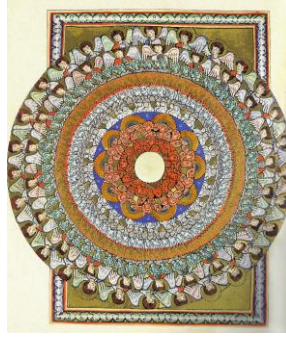
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

No sentido político-económico, a globalização pode significar um declínio da soberania nacional e no sentido cultural pode significar um declínio da identidade nacional e da significação de pátria. Mas também pode significar uma revalorização dos valores de igualdade, liberdade e solidariedade, por via da aplicação do *Direito Internacional* na regulação imparcial da relação entre Estados soberanos e das pessoas individuais que os constituem (direitos coletivos e individuais). Pode significar um bem se o comércio livre não impuser condições que sacrifiquem as linguagens locais a diversidade cultural dos povos. No reconhecimento de que a sociedade como um todo não deve anular o indivíduo nem o contexto local, porque é a interação individual que constitui e regenera a organização social³, este estudo visa uma reflexão sobre a globalização como objeto concetual de estudo filosófico em dialética com a regionalização, tendo por base a interação existencial entre individual, social e biológico, cultura e natureza físico-biológica.

Na nossa proposta, o «pensar global» não consiste em fazer uma apologia da aniquilação das identidades locais e das linguagens naturais com o objetivo de facilitar o comércio internacional e o movimento de capitais, tal como pretendem alguns movimentos do neoliberalismo selvagem com a exclusiva preocupação do lucro financeiro⁴. A tarefa de uma reflexão filosófica sobre a globalização consiste em pensar a relação entre o todo e as partes nas suas complexas interações muito para além das abordagens quantitativas, porque o essencial do ser humano escapa ao cálculo. A mundialização dos fenómenos económicos, políticos e sociais não é entendível sem uma reflexão crítica sobre a globalização das ideias culturais que lhes deram origem num determinado espaço, a qual também não é entendível fora do desenvolvimento do universo físico-químico, tal como é hoje reconhecido pela consciência ecológica.

³ MORIN, Edgar. *Pensar Global*. Lisboa: Edições Piaget, 2023, p. 16-17.

⁴ SLOTERDIJK, Peter. *En el mundo interior del capital. Para una teoría filosófica de la globalización*. Madrid: Ediciones Siruela, 2019, p. 308-309.



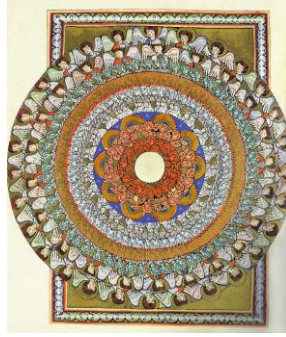
Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

Para que se estabeleça a devida distinção, aplicamos o termo «mundialização» ao movimento de influência de uma realidade com efeitos à escala global, no sentido de imposição ideológica ou extensão de um modelo económico, e usamos o termo «globalização» para significar a interdependência de realidades plurais distantes no espaço, numa relação simultânea entre diferentes domínios por via de uma ação recíproca de vários intervenientes à escala global. Os resultados proporcionados pelo método de história global da filosofia permitem justificar racionalmente uma atitude de resistência à homogeneização do pensamento, à diminuição da diversidade linguística, à desvalorização das competências locais socio-políticas e económico-comerciais, porque de facto é neste registo que se realizam a maioria dos negócios e se prestam a maiorias dos serviços, que se realizam a maiorias das atividades culturais e se criam as ideias originais.⁵

Neste sentido, globalização significa a organização do cosmos e do mundo como unidades de significação de uma progressiva consciência plenamente universal da unidade e da diversidade da realidade e do género humano. Se a «mundialização» oferece aspetos positivos num determinado avanço material, técnico, médico, económico e numa determina consciencialização universal de valores éticos e ecológicos, também contém elementos negativos na aniquilação das solidariedades espontâneas tradicionais, na escravatura capitalista, na implementação da agricultura colonizada, nos atentados à biodiversidade dos ecossistemas com a desflorestação e a monocultura massiva. As crises económicas de alcance mundial promovem reações regressivas de enclausuramento com manifestações nacionalistas de racismo e xenofobia, com exclusão do outro por receio da diferença. A mundialização também é negativa na imposição de uma vida centrada no imediato, com perda do sentido histórico e do sentido futurante. Ao pretender oferecer a cura de uma economia livre e justa, a mundialização da cultura ocidental transporta o seu próprio veneno no esgotamento de recursos naturais, na escravização dos recursos

⁵ SLOTERDIJK, Peter. *En el mundo interior del capital. Para una teoría filosófica de la globalización*. Madrid: Ediciones Siruela, 2019, p. 307.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

humanos e na acentuação de assimetrias sociais.⁶

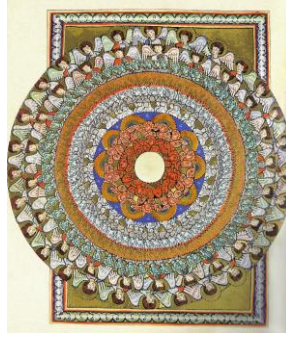
Acima desta horizontalidade ideológica disseminada através do *basic english*, que não atende devidamente à dinâmica incompressível e existencial do ser-no-mundo e do ser-no-lugar, procuraremos identificar os modelos de intercomunicação cultural na dialética entre a particularidade do pensamento situado e a sua predisposição de universalidade⁷. Através do ecumenismo cultural e espiritual de autores como Leonardo Coimbra, Agostinho da Silva, Manuel Antunes ou Ferreira Patrício, a filosofia portuguesa antecipou a metodologia da história global da filosofia ou a epistemologia do «pensar global» pela valorização e promoção das culturas locais e regionais, no reconhecimento de que todo o pensamento radica de forma complexa numa vivência histórica situada.

Esta forma de pensar, centrada na complexidade das relações interculturais, tem a capacidade de promover iniciativas económicas sociais e solidárias, procurando a simbiose daquilo que há de melhor em cada cultura e civilização. As ideias ocidentais da democracia, dos direitos das mulheres, da valorização da pessoa e disseminação do medicamento devem-se harmonizar com as ideias orientais da relação afetiva e espiritual com a natureza, com as medicinas alternativas, com a valorização das tradições e dos anciãos exaltados na sua experiência e sabedoria de vida. O tesouro da humanidade reside nesta unidade heterogénea em comunidade amorosa.

Devemos abandonar a visão binária entre «crescimento» e «redução», porque as duas dimensões têm de estar interligadas: se por um lado devemos crescer na economia verde, na economia da saúde e na economia solidária, por outro lado devemos reduzir a economia de guerra e a economia do consumismo. Também não devemos aceitar a visão binária entre «mundialização» e «localização», porque o desenvolvimento universal da humanidade

⁶ MORIN, Edgar. *Pensar Global*. Lisboa: Edições Piaget, 2023, p. 65-66.

⁷ BAGGINI, Julian. *How the World Thinks. A Global History of Philosophy*. Cambridge: Granta Books, 2019, p. XXI.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antiguo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

não é possível sem o contributo da riqueza cultural da sua diversidade regional e sem o contributo das autonomias nacionais: «Quando mais a mundialização se desenvolve, mais é necessário em simultâneo desmundializar, ou seja, localizar e territorializar».⁸ A unificação técnico-económica-científica do globo, que se deu progressivamente a partir do século XVI com as navegações mundiais iniciadas pelos portugueses e pelos espanhóis e a instauração da cosmologia de Copérnico, apenas será um bem se incluir a valorização da autonomia da sua diversidade histórico-cultural, ou seja das diferentes línguas e das suas respetivas tradições associadas ao sentimento de pátria. Contra os totalitarismos ideológicos, promovidos por instituições multinacionais, a verdadeira política deve examinar e aplicar soluções para os problemas locais e nacionais, em consonância com a vontade dos cidadãos.⁹

O «pensamento global» atende a esta dimensão complexa da realidade e do seu dinamismo cultural, conciliando o carácter enigmático do conhecimento científico com o carácter mistérico do conhecimento metafísico-religioso que aponta para regiões de ser que excedem a capacidade concetual humana. Toda a realidade é una e diversa, semelhante e dissemelhante, particularizando-se na diferença da identidade individual. A sua compreensão exige um «pensamento complexo» que, por um lado, esteja vinculado ao contexto e à circunstância das ocorrências e que, por outro lado, apreenda o todo organizado que contém qualidades não existentes no isolamento das partes (sistema). É com esta racionalidade global e complexa, simultaneamente situada e universal, que poderemos compreender as inter-relações enigmáticas e mistéricas do real na sua concretização cultural económica, política, ética, estética, científica, filosófica e religiosa do «sistema social».

⁸ MORIN, Edgar. *Pensar Global*. Lisboa: Edições Piaget, 2023, p. 69.

⁹ SLOTERDIJK, Peter. *En el mundo interior del capital. Para una teoría filosófica de la globalización*. Madrid: Ediciones Siruela, 2019, p. 310.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

A «filosofia global» é um meio indispensável para nos ajudar a compreender as diversas organizações sociais do mundo sem cedência aos particularismos ou absolutismos ideológicos. Cada indivíduo, pessoa, povo ou época é insubstituível para a aproximação à verdade e realização do ser, porque cada vida é um «ponto de vista» sobre o Universo. A realidade tem infinitas perspetivas e todas elas contribuem para a sua realização e compreensão global. Só Deus é a verdade absoluta, porque goza de todos os «pontos de vista» e harmoniza todos os nossos horizontes.¹⁰ A integração de pensamentos diversos e adversos não significa confundir a complexidade com o relativismo culturalista e com o ceticismo historicista nem significa um sincretismo indiferenciado, no desejo mórbido por uma totalidade inalcançável. Mas significa reconhecer o carácter irreduzível das aporias e contradições. Essa tragédia do confronto do pensamento com as contradições, sem as poder eliminar, exige a procura de um meta-nível em que se possa considerar a contradição sem a negar, na aventura infinita e indefinida do conhecimento.¹¹

É o que acontece quando precisamos de racionalizar a relação entre Deus e o mundo, apresentando-a pela inteligibilidade conjectural e pela linguagem do paradoxo e do excesso, como uma presença simultaneamente imanente e transcendente, que se manifesta em tudo, mas não se esgota nessa manifestação criadora e plenificadora. Este é apenas o exemplo de uma proposta original local, desenvolvida pelo «pantiteísmo» do filósofo português José Maria da Cunha Seixas em diálogo com o «panenteísmo» alemão de Krause, que contribui para o enriquecimento metafísico ou filosófico-teológico da história global da filosofia enquanto procura dramática de Sentido. Não é possível fazer uma filosofia universal independentemente da história e da cultura, porque qualquer posição é sempre situada no seu tempo e num determinado lugar. A compreensão mais objetiva que podemos fazer do mundo, evitando o relativismo paroquial, dá-se pelo reconhecimento dialógico das suas

¹⁰ ORTEGA Y GASSET, José. “El Tema de Nuestro Tiempo”. *In: Obras Completas*, tomo III. Madrid: Taurus, 2005, p. 616.

¹¹ MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gidesa Editorial, 2011, p. 138.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

múltiplas perspetivas e questões.¹²

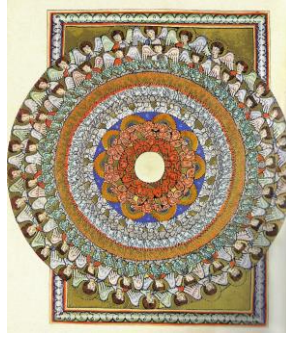
II. Radicação cultural e regional da filosofia com vocação universal

A filosofia encerra uma vocação universal, fundamentada no distanciamento crítico da racionalidade transcendental lógico-analítica, e encerra uma radicação cultural histórica e circunstancial, fundamentada numa racionalidade vital fenomenológico-hermenêutica de carácter existencial. Não há filosofia universal e global, centrada nos problemas comuns da humanidade, como o sentido ético e espiritual da vida, o destino cosmológico do mundo, o problema do sofrimento e da morte ou a ordem sociopolítica, que não radique na vivência subjetiva individual da pessoa pertencente a uma época, a uma região, a um povo ou a uma corrente de pensamento. A filosofia é fruto do intelecto, transcendendo os lugares em que é produzida, mas, ao mesmo tempo, é enraizada na experiência humana e na vivência espaço-temporal. A filosofia global procura o universal no particular da circunstância histórico-cultural, reconhecendo que todo o conhecimento permanece incompleto e que todo o progresso é acompanhado pelo aumento da ignorância.¹³

Daí a legitimidade em se falar do pragmatismo americano, do empirismo inglês, do espiritualismo francês, do idealismo alemão, do racio-vitalismo espanhol ou do ideorealismo criacionista português na sua expressão endémica de metafísica da saudade. Daí a importância de se identificar qual a racionalidade que preside à reflexão filosófica: empírica, dianoética ou noética, dedutiva ou intuitiva, demonstrativa ou contemplativa? Que razão é escolhida para a reflexão filosófica? A situação de cada um no contexto em que está inserido irá determinar a prevalência por uma razão lógico-analítica ou analógico-sintética, estática ou dinâmica, pura ou afetiva, em busca da evidência e da certeza ou da

¹² BAGGINI, Julian. *How the World Thinks. A Global History of Philosophy*. Cambridge: Granta Books, 2019, p. 339.

¹³ MORIN, Edgar. *Pensar Global*. Lisboa: Edições Piaget, 2023, p. 101.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

verdade e do mistério. Se é certo que a analítica pode dispensar a hermenêutica analógica, esta serve-se daquela para depurar a configuração mítica do real dos seus equívocos fantasiosos e mágicos. Só através da análise concetual é possível ascender para a síntese transconcetual, sem trair o rigor racional que a reflexão filosófica universal exige. Obrigados à interpretação na procura da verdade de acordo com determinado paradigma epistemológico, que radica na relação entre o pensar e o ser, estamos sujeitos ao erro. Os nossos sistemas de conhecimento já não são orientados pelo paradigma do «mito», do período histórico das religiões da natureza, nem pelo paradigma do «logos» da ciência evidente e certa que decorre do surgimento da filosofia ao longo da era axial nas diferentes civilizações, estendendo-se até à modernidade, mas são orientados pelo paradigma do «mistério» ou da «complexidade» na procura de superação das dicotomias entre teologia e filosofia, religião e ciência, fenómeno e númeno, certeza e verdade, lógico e analógico, análise e hermenêutica. É necessário analisar ou distinguir e, ao mesmo tempo, sintetizar e juntar, por via de um pensamento mais aberto e global que supere os medos e não promova os fechamentos dogmáticos: «Devemos abandonar uma racionalidade fechada, incapaz de apreender o que escapa à lógica clássica, incapaz de compreender o que a excede, para nos dedicarmos a uma racionalidade aberta, conhecendo os seus limites e ciente do irracional».¹⁴

Ora, podemos encontrar essa preocupação no discurso metafísico da filosofia portuguesa contemporânea, nomeadamente a partir da proposta pantiteísta de José Maria da Cunha Seixas (1836-1895) que sobrepõe a inteligibilidade dinâmica, dialética e conjetural dos mundos infinitos de Nicolau de Cusa à racionalidade estatizante e absoluta da analítica logicista e da metafísica dogmática. O pensamento português vai desenvolver-se com o recurso aos instrumentos epistemológicos da «razão animada», da «razão cordial», da «razão comovida», da «razão poética» e da «razão mistérica», num saber criacionista e afetivo que ascende de forma enigmática e aporética do mito ao mistério, não se satisfazendo com o

¹⁴ MORIN, Edgar. *Pensar Global*. Lisboa: Edições Piaget, 2023, p. 104.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

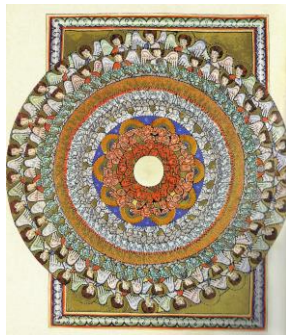
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

monismo da indiferenciação panteísta ou com o dualismo da separação deísta. Trata-se de uma racionalidade saudosa, criacionista e pantiteísta que procura pelo sentido da origem ou do fundamento e do destino ou firmamento, em horizonte escatológico, atendendo ao movimento do homem na complexidade concreta da circunstância histórica que não está pré-determinada e, ao mesmo tempo, não está alheada do *telos* divino. O estilo próprio da filosofia portuguesa, no contexto da sua herança greco-romana e judaico-cristã, desenvolve-se em relação com a teologia e a espiritualidade numa síntese metafísica que recorre ao verbo poético. A saudade é um sentimento espiritual de ordem metafísica, que traduz o desejo natural de plenificação divina, não se restringindo ao plano psicológico da perda com desejo de voltar a possuir. Entre o polo racionalista do *homo sapiens* e o polo irracionalista ou delirante do *homo demens*, a cultura portuguesa filosófico-literária tem-se dedicado a inteligibilidade afetiva e sentimental no reconhecimento de que não há razão sem emoção.¹⁵

Cada cultura particular, nacional ou regional, dá o seu contributo para a cultura universal no processo dinâmico e heterogêneo de auto-realização ou de humanização da pessoa. A universalidade da sabedoria filosófica, que exige a ascensão da *doxa* para a *epistême* e exige a lâmina cortante do exercício crítico racional, pode limitar-se ao plano horizontal do discurso predicativo dianoético ou ascender ao nível superior e transpredicativo da contemplação noética e da inteligibilidade integral que inclui a experiência poética afetiva. Para que se dê uma aproximação universal à verdade, é necessário atender a todos os níveis da experiência humana e aos respetivos níveis ou regiões da realidade que cada um desses níveis traduz.

Confrontada na existência com a incoincidência consigo mesma, a pessoa que sente (*homo sentiens*), pensa (*homo sapiens*), deseja (*homo concupitor*), quer (*homo volens*) e faz (*homo faber*) desenvolve um trabalho de autorrealização no seio da sociedade e da diversidade

¹⁵ MORIN, Edgar. *Pensar Global*. Lisboa: Edições Piaget, 2023, p. 27.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

circunstancial do Mundo por via da educação nos valores que inclui a experiência espiritual (*homo mythologicus* e *religiosus*), a organização económico-política (*homo economicus*) e a vida poético-festiva (*homo ludens*). Na harmonia dialética entre estes diferentes níveis podemos viver a experiência de uma razão apaixonada e de uma inteligência emocional sem o cairmos no desgoverno do polo da razão pura ou do polo delirante da loucura.¹⁶

Por isso a reflexão filosófica tem de ser dialógica, atendendo de forma interdisciplinar aos âmbitos bio-psicológico, estético, ético, metafísico e espiritual. A filosofia universal atende ao ser (*logos*) sem ignorar o padecer (*pathos*) e o agir (*praxis*), mas a forma como o concretiza depende da particularidade cultural em que se desenvolve. A educação que permite à pessoa tornar-se naquilo que é, não se restringe ao plano da inteligibilidade intelectual e racional (*verum*), ao âmbito da vontade e da responsabilidade ética (*bonum*), mas inclui também o nível do belo (*pulchrum*) e do sentimento estético (*aisthêsis*), no horizonte último da experiência espiritual do divino (*divinus*).

Por outro lado, o saber que nos faz sermos aquilo que *somos* e *devemos ser* (pessoa) não é apenas *lógico-ontológico* (ser), nem apenas *axiológico* ou *normativo* (dever ser), mas é também *realizativo* (fazer e transformar). O saber válido não se reduz ao conhecimento da física, da química, da biologia e demais ciências associadas no domínio do *homo laborans*, nem se reduz ao saber da relação objetiva com a natureza no domínio do *homo faber* (razão técnica), mas consiste também no saber da *ação* pessoal, pela unidade entre ética, política, economia, estética e religião (*homo sapiens*).

A universalidade deste ideal realiza-se existencialmente de acordo com a especificidade de cada cultura particular na originalidade do indivíduo e da comunidade em que está inserido. No caso da nossa História, devemos começar por destacar o espaço cultural *peninsular pré-romano*, com a presença da *espiritualidade celta* e da *filosofia natural druídica*. Em herança das

¹⁶ MORIN, Edgar. *Pensar Global*. Lisboa: Edições Piaget, 2023, p. 27-29.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

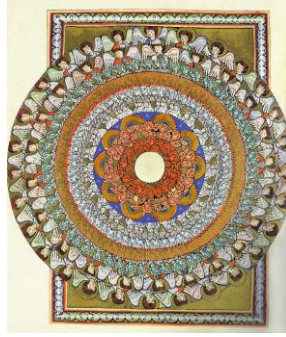
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

filosofias originárias da Pérsia e da Grécia Antiga e no contexto da Hispânia Tarraconense do século IV d.C., devemos assinalar a presença da mística oriental dos padres do deserto em Prisciliano de Ávila. O debate do cristianismo com as heresias teve, por mediação da relação entre Paulo Orósio e Santo Agostinho, uma relação original entre a Europa da Galécia e o norte de África de Hipona.

Outro momento importante na história global da filosofia é o encontro que se dá, na Ibéria, entre os pensamentos judaico, árabe e cristão, nomeadamente do século VIII ao século XII, no território do Gharb al-Andalus. Este intercâmbio cultural inclui a assimilação da espiritualidade sufi islâmica e da cabala judaica e o debate em torno das polémicas averroístas. A filosofia medieval portuguesa vai incorporar também o diálogo com a ciência da época, a receção da mística oriental e a tensão entre a ortodoxia da Igreja e os movimentos gnósticos. Estávamos no fim da era da primeira globalização com uma interpretação metafísica da realidade assente no dualismo entre a realidade imutável e perfeita dos corpos celestes divinos e a realidade imperfeita, contingente e precária do mundo terreno. A beleza pura é dada pelo pensamento concetual das ideias definitivas e dos movimentos circulares eternos, enquanto a imperfeição dos fenómenos sensíveis é dada pela experiência dos movimentos lineares e finitos.¹⁷

O enriquecimento da cultura nacional no contacto com as culturas europeia, árabe, africana e asiática irá renovar-se no período do Renascimento, nomeadamente através do diálogo com a herança sapiencial de Maimónidas, com o movimento estético de Miguel Ângelo e Dürer e com as diversas correntes humanistas neoplatónicas. O início da Modernidade será atravessado pelo impulso globalizante dos Descobrimentos, mas também pelas polémicas da Reforma e da Contrarreforma e pela diáspora sefardi, num paradoxal movimento de expansão e retraimento, de desenvolvimento científico e de dogmatismo

¹⁷ SLOTERDIJK, Peter. *En el mundo interior del capital. Para una teoría filosófica de la globalización*. Madrid: Ediciones Siruela, 2019, p. 35.



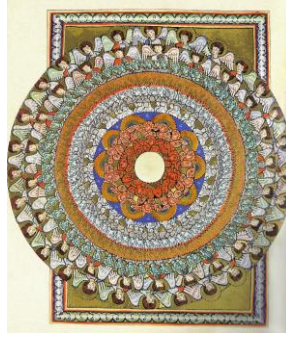
Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antiguo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

inquisitorial. Nessa abertura ao mundo incluem-se as correntes milenaristas, o eremitismo germano-flamengo e egípcio, bem como a astrologia e o ocultismo oriental. A ânsia por saber o que realmente é o mundo tem resposta não apenas na autonomia da razão científica, mas também na visão simbólica e na autoridade religiosa do poder instituído. Portugal dá um contributo decisivo para a consolidação do espírito do Renascimento e da Filosofia Moderna, com as suas inovações nos campos da Epistemologia, da Navegação, da Cartografia e da Construção Naval. A cosmologia aristotélico-ptolomaica, centrada no saber livresco medieval, é progressivamente substituída pela cosmologia heliocêntrica e pelo conhecimento empírico e matemático. O conhecimento dogmático é confrontado com o novo conhecimento científico, proporcionando a consolidação de uma explicação física causal da realidade. A empresa do Infante D. Henrique de Avis contribuiu para o engrandecimento da cultura portuguesa, para a constituição da sua identidade e para uma nova racionalidade fundada na experiência, na observação da natureza e na quantificação matemática, que se traduziria numa mais rigorosa representação cartográfica do mundo e num desenvolvimento significativo da botânica, da zoologia, da mineralogia, da geografia e da astronomia.

Destacamos o experiencialismo na sabedoria do mar de autores como Duarte Pacheco Pereira (1460-1533) e Pedro Nunes (1502-1578), o experiencialismo na farmacopeia de Garcia da Orta (1503-1568), bem como o humanismo renascentista de João de Barros (1496-1570), de André de Resende (1498-1573) e de Damião de Góis (1502-1574). Se a primeira globalização (idealismo celeste) tinha acontecido com a racionalização da estrutura do Universo por parte dos cosmólogos antigos, desde Platão aos sábios helenistas, representando a totalidade pela imagem de um globo ou de uma esfera omnicompreensiva, a segunda globalização (realismo terrestre) começa com os descobrimentos portugueses e com a cosmologia de Copérnico que abandona o dogma do movimento circular ideal das órbitas planetárias.¹⁸

¹⁸ SLOTERDIJK, Peter. *En el mundo interior del capital. Para una teoría filosófica de la globalización*. Madrid:



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

Abre-se um abismo cosmológico e outro etnológico com a alteração de um espaço reduzido homogêneo para um espaço mais vasto heterógeno com a consequente expansão do comércio e aumento da circulação de capital, instituindo-se uma nova economia empresarial. Dá-se a emancipação do estaticismo da eternidade e do tempo circular mítico para um tempo de devir fundado na experiência e aberto ao inesperado.¹⁹

Mas Portugal também foi centro europeu de referência no desenvolvimento da metafísica escolástica, nomeadamente através da escola conimbricense, e no debate renovador dessa metafísica por via do contacto com o cartesianismo e o gassendismo. O diálogo sobre «ciência média» entre Pedro da Fonseca e Luís de Molina ilustra a reflexão de vanguarda europeia neste período. A passagem da cosmologia aristotélico-ptolemaica para a cosmologia moderna de Copérnico e Galileu terá o seu corolário no debate entre Jesuítas e Oratorianos, com a adoção da física de Newton e da epistemologia de Locke e com o recurso ao jansenismo. O diálogo entre o ecletismo iluminado dos autores portugueses e a elite cultural europeia em torno das noções de liberdade e predeterminação tem no terramoto de 1755 um especial significado.

O *idealismo alemão*, difundido nos movimentos literários românticos, tem particular impacto na Geração de 70 e no seu ideário positivista de liberalismo constitucional e republicano de acordo com os valores da Revolução Francesa. São múltiplas as referências ao positivismo de Auguste Comte e Herbert Spencer, ao liberalismo de Krause e ao socialismo utópico de Saint-Simon, Fourier e Proudhon. As metafísicas teístas cedem espaço às espiritualidades panteístas, deístas e panenteístas, configurando uma nova forma de relação com o divino, à margem da religião institucional de tradição latina. Este diálogo cultural

Ediciones Siruela, 2019, p. 25-27.

¹⁹ SLOTERDIJK, Peter. *En el mundo interior del capital. Para una teoría filosófica de la globalización*. Madrid: Ediciones Siruela, 2019, p. 53.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

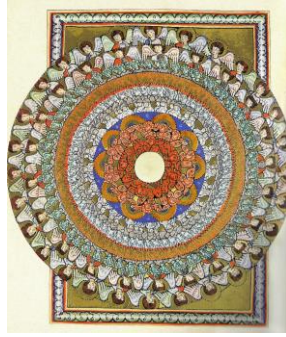
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

global à escala europeia excede a receção passiva de autores e ideias e proporciona a criação de novas categorizações, como, por exemplo, o pantiteísmo de José Maria da Cunha Seixas, que irá marcar de forma implícita ou explícita a metafísica espiritualista das gerações seguintes, nomeadamente da Escola Portuense e da Renascença Portuguesa.

O antagonismo desenvolvido na cultura europeia entre realismo e idealismo irá motivar propostas alternativas no seio do movimento cultural da Escola Portuense, com as dialéticas metafísicas da saudade, inspiradas em Hegel e Eduard von Hartmann, e com os ideorrealismos criacionistas de inspiração cristã assentes nas teologias patrísticas da queda e redenção e nas teorias plotinianas da cisão e restauração. Ao mesmo tempo que se desenvolvem as filosofias da imanência em diálogo com Espinosa e Schelling, os simbolismos modernistas proporcionam o regresso à espiritualidade oriental rosa-cruzista e às formas místicas de tradição esotérica, como acontece com o *Vertiginismo Transcendente* de Raul Leal, em diálogo com Hermes Trismegisto, Joaquim da Flora, Gilles de Rais, Tommaso Marinetti e Fernando Pessoa.

Ao mesmo tempo, dá-se a reforma da escolástica, com destaque para o ressurgimento da importância dos Jesuítas e a fundação da Escola de Braga na promoção do diálogo entre teologia, filosofia, fenomenologia e ciência, sob a inspiração de Lovaina na renovação do tomismo. Destaca-se o debate em torno do criacionismo e do evolucionismo e a necessidade duma compreensão simbólica, e não literalista, da revelação religiosa, com abertura às novas propostas científicas da física, em diálogo com Einstein, Henri Poincaré ou Pierre Duhem.

Sob o impulso da tradição franciscana de Duns Escoto e São Boaventura, renovada por autores como Gama Caeiro, Manuel Barbosa da Costa Freitas e Joaquim Cerqueira Gonçalves, a tradicional metafísica da queda e da redenção, centrada na antiga perspetiva circular do tempo, abre espaço para uma nova via antignóstica, centrada na linearidade histórica e nas categorias de manifestação, desenvolvimento e plenificação. A proposta de uma metafísica teísta da manifestação, diversa da teoria monista gnóstica de Michel Henry,



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

apresenta-se como uma via original a descobrir e a desenvolver pelos discípulos destes mestres franciscanos que fundaram o curso de Filosofia da FCH da Universidade Católica Portuguesa em Lisboa.

Durante o século XX desenvolve-se uma perspetiva da filosofia da saudade vinculada ao agnosticismo monista e metafísico da sabedoria oriental, para qual a procura da verdade é subalternizada à vivência da virtude e à experiência da harmonia com a natureza cósmica. O foco não está no conhecimento da realidade última, mas está nos rituais sociais de imitação do testemunho pessoal, cuja sabedoria é inefável, muito para além do que pode ser dito e pensado concetualmente. Destaca-se neste plano a obra de Paulo Borges que apresenta uma metafísica da vacuidade em que toda a realidade está em permanente fluir e a individualidade se dilui na unidade absoluta indiferenciada. Desaparece a diferença entre o sujeito e o objeto. O impulso religioso não encontra a sua expressão na relação pessoal com os deuses, mas na reverência pelos ancestrais e pela natureza, consubstanciando-se num ideal de mudança pessoal ou transformação espiritual.²⁰

A idade de ouro está no passado e não no futuro, pelo que não há ideia de uma salvação escatológica final, mas sim a preocupação em preservar a tradição. O mundo é um dinamismo transitório, desprovido de qualquer essência imutável imanente, e a sua natureza é adorada como expressão visível dessa totalidade divina. A relação com o mundo é mais estética que intelectual, tendo na poesia a sua forma mais sublime comunicação.

A filosofia existencial e a crítica ao positivismo lógico da Escola de Viena também têm um impacto importante na nossa filosofia, em diálogo com Kierkegaard, Nicolai Hartmann, Karl Jaspers e Gabriel Marcel. Permanece a investigação entre a fenomenologia clássica de Husserl e as novas correntes de autores como Merleau-Ponty, Michel Henry e Emmanuel

²⁰ BAGGINI, Julian. *How the World Thinks. A Global History of Philosophy*. Cambridge: Granta Books, 2019, p. 325.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

Levinas. Os últimos desenvolvimentos têm-se centrado na filosofia analítica, em diálogo com o Círculo de Viena, sob a inspiração maior da filosofia da linguagem de Wittgenstein, e na filosofia dialógica de Martin Buber. O Professor da Universidade de Coimbra, Miguel Batista Pereira, surge como um dos nomes mais relevantes no campo da filosofia dialógica e da via hermenêutica da fenomenologia.

III. Globalização da história da filosofia no reconhecimento da sua diversidade cultural

A filosofia grega realiza na era axial a passagem de uma configuração mítica da realidade para uma configuração lógica e concetual que concebe a distinção entre imanência e transcendência na relação de alteridade entre homem, Deus e mundo.²¹ A relação com o mundo natural sagrado e profano, habitado por espíritos bons e malignos, é progressivamente substituída pela relação com o divino na interioridade da espiritualidade e na causalidade criadora. O homem começa a ser senhor do seu destino histórico, pelo reconhecimento da ação livre e da responsabilidade ética. O desenvolvimento da reflexão política, ética, estética, metafísica e científica, com distanciamento crítico sobre a realidade, trouxe-nos ao século XX, durante o qual a filosofia se globalizou com o surgimento de institutos e faculdades em todos os continentes.

Surgiram no Oriente e em África, não apenas histórias da filosofia europeia, mas também histórias de filosofia indiana, chinesa, japonesa, judaica, islâmica, budista, africana ou latino-americana com uma grande pluralidade de idiomas e campos temáticos. Estudam-se temas universais a partir de perspetivas locais e universalizam-se temas locais. Ao contrário do que se poderia prever com a adoção do inglês como *língua franca*, a diversidade linguística vai ter cada vez mais importância no campo da produção filosófica como se pode verificar pelo dinamismo crescente da sua reflexão académica em alemão, francês,

²¹ JASPERS, Karl. *Origen y Meta de la Historia*. Madrid: Revista de Occidente, 1950, p. 9.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

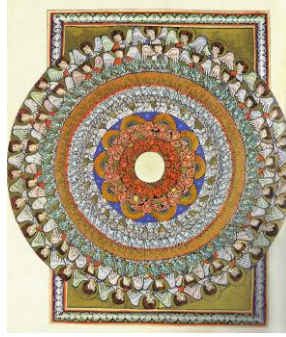
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

japonês, russo, chinês, indiano, coreano, italiano, espanhol ou português. A disseminação de histórias globais de filosofia também ajuda a comprovar este facto, identificando a relevância da diversidade temática e do contexto da sua origem, como ilustram a obra *História Geral de Filosofia* coordenada por Wilhelm Wundt e a obra *Atlas de filosofia – Lugares e modos de pensar*, de Elmar Holstein, ou a obra *Filosofias do Mundo* de Ninian Smart, apresentando o desenvolvimento geográfico global de escolas e correntes filosóficas e a sua rede de interconexões. Os congressos mundiais de filosofia desenvolvidos desde 1900 vieram contribuir para esta globalização da reflexão filosófica e para o reconhecimento da sua diversidade cultural. Assim, fazer filosofia hoje significa ir além dos limites dos lugares geográficos e das tradições culturais.

Uma *História da Filosofia Global* exige um trabalho colaborativo intercultural que apresente com a mesma relevância os diferentes espaços geográficos e tradições linguísticas. Rolf Elberfeld propõe uma «filosofia da globalização filosófica» que atenda a esta preocupação, através do método de uma «fenomenologia transformativa» no reconhecimento de novas maneiras de pensar e de falar que proporcionam novidade de sentido dentro dos próprios fenómenos.²² Diferentes linguagens com as suas respetivas tradições culturais dão origem a diferentes perceções da realidade e distintas conceções do mundo. Por via do contributo da filosofia asiática, para este autor a realização do eu, na transformação da sua realidade individual e social dá-se no diálogo consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com a experiência da realidade, através de um percurso, que não se limita a esclarecer significados e a procurar certezas, mas que inclui outras vias como a meditação e a experiência estética.

O esclarecimento dos fenómenos não se dá numa estrutura transcendental estável, mas no dinamismo inter-relacional da relação do sujeito com o mundo por via prática de uma

²² ELBERFELD, Rolf. “La globalisation de l’histoire de la philosophie et l’idée d’une phénoménologie transformative”. In: *Diogène*, 3, n.º 271-272 (2020), p. 84.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

atitude intercultural.²³ A ideia de complexidade subjacente a uma filosofia global não pretende o domínio perfeito do saber e da relação entre saberes, porque reconhece o irreduzível, a incerteza e o acaso no dinamismo do real e do conhecimento.²⁴

A experiência dos fenômenos é transformadora para quem os vive, descreve e pensa, para além da dicotomia entre atividade (*logos*) e passividade (*pathos*). Fazer filosofia em português encerra virtualidades que não existem noutras línguas e o seu reconhecimento na história global da filosofia proporciona um enriquecimento no processo de realização integral da pessoa. Só no dinamismo criador da diversidade cultural, em que todas as perspectivas traduzem o enriquecimento da relação entre pensar e ser, pode o homem aspirar a princípios universais e valores transcendentais e transculturais. No congresso mundial de filosofia de Pequim em 2028 são reconhecidas como línguas oficiais, o inglês, o francês, o alemão, o espanhol, o russo, o árabe e o chinês, comprovando a valorização desta diversidade cultural. É necessário atender a histórias de filosofia não apenas europeias e atender aos paradigmas de povos, nações e religiões. Uma determinada tradição filosófica está estruturalmente vinculada à língua em que foi pensada e escrita, mesmo que a expansão da sua compreensão da realidade se faça em diálogo com outras tradições de pensamento fixadas noutras línguas.²⁵

A compreensão da complexidade destas inter-relações culturais e dos seus pensamentos, na unidade do todo e das suas partes, implica um processo de simplificação que exige seleção, hierarquização, separação e redução, e um processo de complexificação que exige comunicação e articulação do que está distinto.²⁶ Isto não quer dizer que se defenda a metafísica de uma realidade essencial oculta no mundo, sem complexidade ou simplicidade,

²³ *Ibid.*, p. 86.

²⁴ MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gidesa Editorial, 2011, p. 143.

²⁵ BAGGINI, Julian. *How the World Thinks. A Global History of Philosophy*. Cambridge: Granta Books, 2019, p. XXXII.

²⁶ MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gidesa Editorial, 2011, p. 144.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

ordem ou desordem, organização ou desorganização, à maneira da proposta taoista da realidade única e fundamental de um vazio insondável, porque para Edgar Morin essa essência não é concebível, não havendo qualquer ideia de ordem por detrás da dialética organização e desorganização. O autor recusa a tese mágica de Pitágoras que atribui aos números a realidade última e recusa a tese teológica de Descartes de que o fundamento da ordem do mundo está no entendimento divino.²⁷ Neste aspeto, o autor não pode negar que cede a uma certa relativização da complexidade, não a admitindo como princípio manifestativo da essência do mundo, e reduzindo-a a princípio regulador do plano fenoménico. No seu entender, o que permite a criação (vida) e o que a destrói (morte), é a indeterminação originária do desordenado e do caos, incerteza e acaso, que está no Universo físico-químico.²⁸

De modo distinto, nós compreendemos a complexidade do mundo no plano metafísico de uma manifestação temporal e histórica de Deus, que se concretiza de diversas maneiras de acordo com o dinamismo próprio da natureza e da sua compreensão cultural, onde se inclui o homem com as suas faculdades de entendimento e de vontade. A complexidade das relações do Universo é uma manifestação da complexidade de Deus infinito e a diversidade cultural resulta da apropriação histórico-hermenêutica do homem na relação com o cosmos e com os outros homens. A tradição cultural em que nos inserimos exige uma compreensão metafísica da «complexidade», que está presente em autores tão distintos como Cunha Seixas, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra, José Marinho, António Quadros ou Joaquim Cerqueira Gonçalves, seja com base no monismo idealista alemão em diálogo com Plotino, seja com base no pluralismo criacionista português, em diálogo com a patrística e os doutores medievais.

IV. *Filosofia da Globalização*

²⁷ MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gidesa Editorial, 2011, p. 146.

²⁸ MORIN, Edgar. *El hombre y la muerte*. Madrid: Editorial Kairós, 1974, p. 371.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

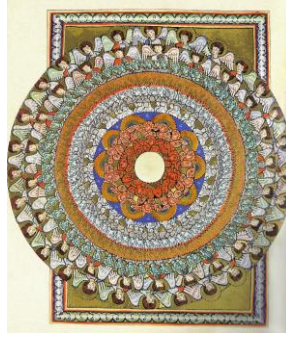
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

A academia não pode ser capturada pelos interesses locais, corporativos e ideológicos, e a reflexão filosófica tem de procurar respostas para os problemas universais de sempre e de hoje como são o destino do homem, a inteligência artificial, a biotecnologia ou as alterações climáticas. Isso implica acolher a reflexão das comunidades filosóficas de todos os continentes e não apenas a do mundo anglo-americano ou continental europeu, tarefa a que se propõe a revista *Global Philosophy* editada pela Springer, apesar dos fatores de desglobalização ou de redução da interconectividade política, económica e cultural, provocados pela pandemia e pelas guerras na Ucrânia e no Médio Oriente. A lei do mercado é o paradigma da globalização económica e financeira. Mas se a esse nível, assistimos a um retrocesso na dinâmica de globalização com o incentivo de medidas protecionistas, no campo cultural permanecem ativas as vias de intercomunicação.

O compromisso com as filosofias nacionais apenas tem sentido no horizonte de um cosmopolitismo intelectual, embora alguns autores, como John Symons, ainda estabeleçam uma contraposição entre estas duas expressões da reflexão filosófica.²⁹ A não ser que as filosofias nacionais não tenham como objetivo a universalidade das questões investigadas, mas sim o serviço às imposições ideológicas políticas e económicas. Mas nesse caso já não estaremos a falar de filosofia, mas sim de sofística ou teoria política. A eliminação do carácter ontológico e metafísico da filosofia acelerou esta confusão de domínios. Quando se fala numa emergente filosofia nacional russa, o que está em causa não é uma reflexão crítica com vocação de universalidade, mas uma teoria política para justificar uma prática ideológica ou uma ideologização da filosofia.

Por exemplo, a *filosofia portuguesa da saudade*, embora assuma as suas tradições culturais políticas e religiosas, encerra um carácter metafísico, não se restringindo a um relativismo

²⁹ SYMONS, John. “The Ideal of Global Philosophy in an Age of Deglobalization”. *In: Global philosophy*, vol. 33, article18 (2023), p. 3.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

culturalista ou historicista. Não se deve confundir «filosofia nacional», que se desenvolve na sua língua e incorpora tradições culturais da pátria, com a «filosofia nacionalista» que se reduz a uma ideologia política e ou religiosa. Todas as filosofias expressam a cultura e a língua a que pertencem, constituindo uma diversidade paisagística que justifica o método comparativo da história global.³⁰

Não se pode pressupor que a filosofia global é uma coutada do método analítico do positivismo lógico do Círculo de Viena de autores como Moritz Schlick ou Rudolf Carnap ou do método da complexidade da hermenêutica existencial e social agnóstica de Edgar Morin. Na interpretação de Schlick, ao contrário do proposto Rolf Elberfeld, a filosofia global consiste numa anulação das diferenças culturais e não na sua valorização por via do diálogo. Mas no movimento global da sociedade de conhecimento e informação atual há a tentação de ignorar ou aniquilar as tradições filosóficas locais, o mesmo é dizer, remeter para peças de museu as tradições culturais locais.³¹

O movimento internacionalista da filosofia não está associado a uma determinada corrente ou a um determinado método, sendo igualmente válido para outras matrizes como a epistemológica, a histórica, a hermenêutico-fenomenológica, a ético-política, a cultural ou a metafísica. A pertença a uma tradição religiosa não impede que se procure a verdade na aproximação dialógica a outras culturas e religiosidades, porque há um só Deus. A razão global exige um ecumenismo religioso e espiritual, no reconhecimento da diferença como riqueza da superabundância amorosa e não como limitação, divisão, dispersão ou empobrecimento.

No entanto, não podemos deixar de reconhecer que esta posição encerra dificuldades,

³⁰ BAGGINI, Julian. *How the World Thinks. A Global History of Philosophy*. Cambridge: Granta Books, 2019, p. 321.

³¹ BAGGINI, Julian. *How the World Thinks. A Global History of Philosophy*. Cambridge: Granta Books, 2019, p. 319-320



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

nomeadamente na exigência de discernimento acerca daquilo que em cada cultura há de anti-valor ou de violação da dignidade humana. O papel da filosofia consiste em fazer essa depuração entre a relatividade dos costumes, tradições e ideologias e a universalidade dos princípios éticos e epistemológicos que humanizam o homem, mas que também estão dependentes da interpretação e da linguagem de cada contexto histórico-cultural. Esse trabalho deve ser feito em diálogo enriquecedor e não por substituição de uma tradição filosófica por outra tradição filosófica que, embora se possa assumir universal, também tem uma génese local. Nenhuma corrente filosófica se pode tornar universal se não for conhecida, resultando a sua ampla aceitação e difusão de critérios não apenas epistemológicos e científicos, mas de estratégias de divulgação e disseminação que têm muitas vezes raízes ideológicas.

Não há oposição entre a filosofia global e a especialização, porque é esta que perfaz o mosaico da primeira na abertura e integração no debate filosófico internacional, quer pela participação em colóquios, quer pela edição crítica e tradução das fontes noutras línguas. Por outro lado, também não se deve confundir especialização numa área ou num período histórico, com a especialização, por exemplo na filosofia chinesa, que pode incluir muitas áreas e muitas épocas. Ser lido por um público mais vasto que o da sua especialização exige a aquisição de competências na compreensão panorâmica dos problemas filosóficos universais e exige um domínio mínimo da sua história. O método da filosofia global deve promover esta amplitude no trabalho da reflexão filosófica, à semelhança do sábio grego e do doutor medieval, o que exige um trabalho interdisciplinar com outras áreas do conhecimento como a ciência, a arte, a política, a ética e a religião. Uma filosofia mais generalista em detrimento de uma filosofia mais técnica não significa uma filosofia com menos rigor crítico, mas significa uma filosofia mais próxima dos problemas das pessoas, constituindo-se como estruturalmente operativa na elevação ética, científica e espiritual das pessoas e das sociedades.

No campo das ciências humanas e das artes, há uma falsa dicotomia entre universal e local,



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

porque ao contrário da física a vocação universal do pensamento está enraizada num determinado contexto espaço-temporal. Por isso, a filosofia cosmopolita é uma filosofia da cultura que engloba a religião, a ciência, a tecnologia, a arte e a política. Todas as questões filosóficas têm um enraizamento histórico, pelo que o método mais adequado de fazer filosofia deve conciliar a análise concetual com a hermenêutica histórica. Não há oposição entre fazer filosofia e fazer história da filosofia, mas sim correlação. Para se reconstruir a argumentação de um texto, avaliando a coerência e validade das teses apresentadas é necessário ter em consideração o contexto histórico da sua produção

Uma boa história da filosofia não significa uma fidelidade ou veneração sacrossanta pelas fontes, limitando-se a uma reprodução do seu pensamento *ipsis litteris*, mas também não significa um desprezo e negligência em relação às fontes, como se verifica, por exemplo, com os analíticos de Oxford que acreditam estar bem mais preparados que os autores anteriores à lógica fregeana. Só assim é possível evitar anacronias e promover o diálogo criativo entre teses alternativas de pensamento. Os positivismos lógicos e as filosofias analíticas de Carnap e de Searle, que pretendem fazer «tabula rasa» da história da filosofia, apresentam-se como uma resistência à história global da filosofia que valoriza a riqueza das origens locais e das mundividências culturais.

V. Pensar a globalização enquanto interculturalidade e interdisciplinaridade

As agências internacionais de financiamento filosófico promoveram a difusão do *scholar* profissional, mas, ao mesmo tempo, introduziram mecanismos de condicionamento ideológico da investigação de acordo com os interesses políticos dos estados e das regiões. Por outro lado, também impulsionaram uma hegemonização no método de fazer filosofia, excluindo do sistema aqueles que não obedecem à matriz convencional. Esta imposição levou à eliminação dentro das academias de centros de investigação que se dedicavam à história e hermenêutica de filosofias nacionais e regionais, bem como à produção especulativa e argumentativa de temáticas específicas de determinadas culturas,



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antiguo ao Renascimento

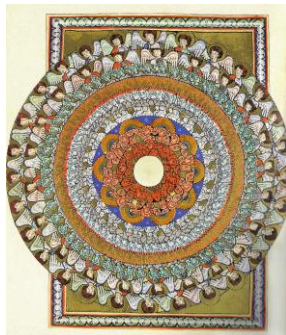
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

contribuindo para o empobrecimento da reflexão filosófica ao nível mundial.

Em Portugal isso aconteceu com centros de investigação que se dedicavam à história da filosofia portuguesa e da filosofia ibérica e que se dedicavam à relação entre a filosofia e a literatura ou ao desenvolvimento da filosofia da saudade de acordo com a tradição lusogalaica. O método da história global da filosofia permite identificar as interconexões culturais e internacionais que facultaram o desenvolvimento dessas filosofias, assinalando as contribuições específicas e originais dos diversos intervenientes. Qualquer filosofia se desenvolve num contexto cultural, histórico e geográfico. Qualquer problema humano que exija questionamento filosófico acontece numa determinada circunstância cultural.

A exigência de se produzir filosofia em inglês não favorece a globalização, porque tende a esconder do debate internacional a riqueza da diversidade cultural. A não ser que se entenda a globalização como uma imposição despótica de uma determinada matriz de interpretação da realidade, seja ela analítica, fenomenológica, ético-política ou metafísica. A importação dos critérios de avaliação e dos métodos de investigação das ciências exatas e empíricas para as ciências humanas feita pelas agências internacionais de financiamento e avaliação, com interesses essencialmente políticos e económicos, está a contribuir para a descaracterização do trabalho filosófico, fazendo da globalização, não um diálogo entre culturas na promoção da diferença, mas uma forma de imposição ideológica de uma determinada corrente de pensamento e de um determinado método de investigação. É uma forma dos Estados chantagearem as Universidades, retirando-lhes a autonomia que é intrínseca e indispensável à investigação científica.

Por exemplo, a filosofia portuguesa tem como uma das suas especificidades o diálogo com a religião e a teologia, tal como se expressa na noção original de «pantiteísmo», mas a área de teologia não está contemplada na agência *Fundação para a Ciência e a Tecnologia*, com a justificação de se tratar de um pensamento não baseado na razão, mas sim na autoridade dogmática. Ora este pressuposto assenta numa determinada conceção filosófica moderna



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Espirit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

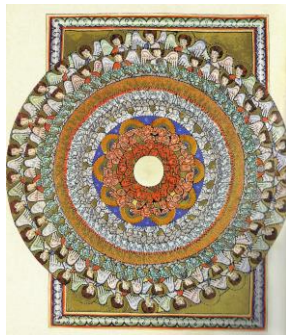
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

ocidental que remete a questão de Deus (*teo-logia*) para o plano irracional ou postulatório da crença religiosa. Transpondo os critérios das ciências positivas e experimentais para as ciências humanas, pressupõe que a questão de Deus não pode ser objeto de reflexão racional, mas apenas de adesão afetiva, como se a emocionalidade pudesse estar separada da racionalidade e a racionalidade pudesse estar separada da afetividade.

Este debate traduziu-se em termos filosófico-teológicos pela noção de dialética entre fé e razão, ignorando a intuição de Agostinho de Hipona de que a fé encerra uma racionalidade, porque tudo o que é absurdo não pode provir de Deus. Não há uma oposição entre mistério e conhecimento ou fé e razão, mas sim uma complementaridade entre razão lógico-analítica e razão analógico-mistérica. Racionalidades distintas que procuram inteligir diferentes regiões da relação do pensar com o ser (realidades) e, por conseguinte, da relação entre a presença transcendente e imanente da Vida absoluta ou do Ser absoluto que a tradição religiosa define como Deus.

Quer isto dizer que o conceito de globalização e de exercício global da filosofia também depende da matriz filosófica de que se parte. A noção de globalização de uma matriz filosófica culturalista e hermenêutica é diferente do conceito de globalização de uma matriz logicista e analítica, como é diferente de uma matriz metafísica que na sua renovação contemporânea inclui, para além da análise concetual lógica e analógica, também uma hermenêutica fenomenológica, em diálogo com outras áreas da experiência humana como a arte, a ciência e a espiritualidade. O conceito de globalização de uma razão comovida e mistérica, que desenvolve uma filosofia de horizonte metafísico, atende ao carácter dinâmico da realidade e à via progressiva e dialógica do conhecimento humano, como alternativa ao saber de uma dogmática e de uma lógica estatizantes.

O dogma apresenta-se ao espírito humano como uma expressão finita de Deus infinito que não se esgota na categorização humana. As fórmulas de fé, por isso, estão sujeitas a revisão e a substituição por outras. A verdade divina e imutável é acolhida pelo homem na



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

sua experiência espiritual de forma histórica, naquilo que se pode definir de uma verdade em movimento. O dogma é uma perspectiva da verdade imutável assumida numa determinada forma linguística. Por isso existe uma evolução da teologia e do dogma, na medida em que o modo de apropriação da revelação não é algo extrínseco, mas faz parte do próprio movimento revelador. De acordo com a teologia católica, a revelação de Deus em Cristo é uma presença permanente de Deus no mundo, não se resumindo a um processo concluído em determinados acontecimentos históricos.

A noção de história tornou-se central na reflexão metafísica e teológica. A compreensão antropológica pessimista da teologia e da metafísica, proporcionada pelo pietismo kantiano e pelo fideísmo jansenista, deu origem a esta cisão entre a filosofia e a teologia. Ora, se partirmos deste pressuposto epistemológico, nunca será possível admitir «a metafísica da saudade» da cultura portuguesa no âmbito da reflexão filosófica. Em primeiro lugar, porque inclui elementos de teologia filosófica e em segundo lugar porque atribui ao sentimento um carácter ontológico.

VI. Fazer filosofia como ação global interdisciplinar de carácter histórico-temporal na procura de Sentido

Por distinção com a física, em que se pode identificar um modelo teórico padrão, as reflexões filosóficas são plurais e aporéticas, não sendo possível afirmar alguma delas como genuína ou exclusivamente verdadeira. Existem muitas filosofias que dialogam entre elas no movimento global da humanidade em aproximação à verdade de sentido. Por isso, a avaliação por pares no domínio da ciência filosófica não tem como objetivo definir um paradigma único e global de investigação, mas sim contribuir para a aferição dos critérios mínimos de metodologia científica na análise e hermenêutica filosófica e para a partilha de conhecimento em forma de questionamento crítico. Há uma metodologia do texto filosófico que é universal ou global, pela qual se pode distinguir essa atividade do registo opinativo do senso comum. Como defende Joaquim Cerqueira Gonçalves, o *fazer* filosófico é um *agir* que participa da ação global do homem e do mundo, no horizonte do



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

ser que antecede a instância dualista da subjetividade e da objetividade.

De acordo com este modelo ontológico, a filosofia não é um método ou uma iniciação secreta, só acessível a alguns iluminados na conquista de realidades que estariam por natureza fora do seu alcance, mas é uma ação construtora de sentido, colaborando com a realidade para a desenvolver de acordo com o delineamento da sua intencionalidade universalizante e diferenciadora.³² Dessa maneira, o fazer filosófico não tem de se alhear de motivações teológicas no seu exercício hermenêutico de procura de sentido e de compreensão da realidade. É uma das características do pensar global³³, considerando a gênese das filosofias primitivas grega, indiana, chinesa, cristã e islâmica que incorporavam elementos míticos, religiosos e teológicos.³⁴ No pensamento ocidental, desde Platão e Aristóteles até à contemporaneidade, Deus e a imortalidade da alma foram sempre objeto de reflexão filosófica, permanecendo como marca de algumas tradições como o panenteísmo alemão, o espiritualismo francês ou o pantenteísmo português.

A verdade não se encontra entre dois polos: pela metafísica da degradação, no polo do *início*, abstrato e imóvel, a que urgiria regressar, ou pela metafísica teleológica, no polo do *termo*, esfíngico e indiferente a que se teria de chegar, como se fossem entidades dadas antecipadamente e não comprometidas no processo. Também não se encontra entre o polo da Unidade e o polo da pluralidade, como se fossem realidades opostas, porque o uno não existe sem o outro. A realidade não pode ser compreendida por compartimentos estanques ou por divisão entre as ciências da natureza e as ciências do espírito, com discursos opostos e incompreensíveis. A compreensão do homem e do mundo tem de ser

³² CERQUEIRA GONÇALVES, Joaquim. *Fazer Filosofia – Como e onde?* Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 1995, p. 17.

³³ BAGGINI, Julian. *How the World Thinks. A Global History of Philosophy*. Cambridge: Granta Books, 2019, p. 46.

³⁴ BAGGINI, Julian. *How the World Thinks. A Global History of Philosophy*. Cambridge: Granta Books, 2019, p. XXIII-XXV



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

feita de forma interdisciplinar no âmbito de uma realidade dinâmica e global que é simultaneamente física, química, biológica e cultural ou espiritual.³⁵

A questão da verdade pertence mais a uma metafísica criacionista que a insere numa experiência de participação de infinitude, de teor qualitativo, e não tanto na experiência de participação de totalidade de teor quantitativo. A verdade não deve ser reduzida à certeza, enquanto conquista de um conhecimento da totalidade, como se esta o precedesse ou lhe fosse exterior. O desígnio do conhecimento do ser diz respeito ao compromisso da ação e não se constitui em termos de conhecimento parcial ou total. A experiência do ser não significa a sua posse, mas sim a vivência do dom, pelo que não se pode traduzir por um sentimento de derrota e incapacidade. Ao dom da realidade que pode ser acolhido na globalidade da ação, responde o filósofo de forma generosa com o fazer do mundo que excede sempre os limites de uma artificiosa finitude. A verdade proporcionada pelo conhecimento resulta de uma unidade do ser humano com a essência do real que não significa uma identidade, mas uma comunhão onde persiste o abismo da diferença só justificável de forma analógica.³⁶

O mundo é expressão do sentido e disponibilidade do ser na fecundidade do tempo, ou seja, é a vida da razão. A filosofia que se reduz à ideia de transformação interior do homem ou à atitude crítica, esquece a noção central da ação do Mundo e, por isso, não é eficaz. Por vezes, torna-se mesmo satânica, querendo tudo aniquilar. A Filosofia, assumindo e transformando o mundo dos outros filósofos, para os realizar de acordo com a intencionalidade dos seus dinamismos, não vive da negação nem da simples reprodução, mas da alternativa qualitativa à proposta dos outros. Pensar global e pensar neste diálogo hermenêutico. Os esquemas mentais são nutridos pela racionalidade mais radical da

³⁵ MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gidesa Editorial, 2011, p. 89.

³⁶ MORIN, Edgar. *El Método 3 – El conocimiento del conocimiento*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2017, p. 145-146.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

estrutura de ação que constitui a própria realidade com sentido.

O sentido da realidade emerge na ação de constituição de um todo organizado. A organização do mundo exterior é produzida pelo espírito que lhe configura sentido, forma e categorização, mas o espírito também se constitui no mundo através dos seus dinamismos físico-químicos, bio-psicológicos e histórico-culturais, num movimento ideo-realista de paradoxal correlação.³⁷

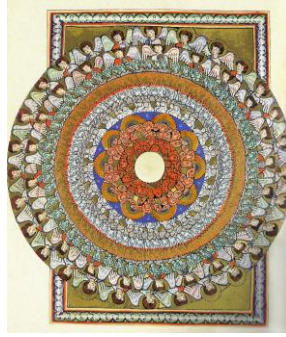
O mundo supõe sempre uma referência ao homem que pela sua razão pode acolher esse impulso da racionalidade ontológica da ação na sua tendência de universalização e diferenciação. Quebrando os laços imediatos com o ambiente, o homem faz projetos de mundo e na filosofia deve construir um mundo e criar um conteúdo novo e inédito. Compreender e pensar filosoficamente não são ações de explicar e reproduzir o que já foi realizado, mas sim de captar e transformar as tendências desse mundo com sentido para o desenvolver. Se na cosmologia aristotélico-ptolemaica o espírito consciente poderia ser apresentado como uma entidade superior que governava o pensamento, a decisão e a ação, criando e animando o universo cósmico por via de uma ação sobrenatural, na cosmologia pós Copérnico, na física pós mecanicista e na bioquímica das neurociências, o espírito não pode ser concebido em justaposição com a realidade evolutiva, mas sim numa paradoxal correlação com a corporeidade e com a materialidade através da cultura.³⁸

Conclusão: a fundamentação da filosofia da globalização no dinamismo complexo da realidade material e espiritual por via da mediação histórico-cultural

O mundo da filosofia ganha forma específica na linguagem natural, onde as possibilidades

³⁷ MORIN, Edgar. *El Método 3 – El conocimiento del conocimiento*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2017, p. 231-233.

³⁸ *Ibid.*, p. 80-82.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antiguo ao Renascimento

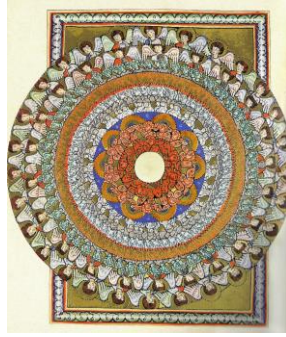
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

do sentido do real mais se dilatam. Se a linguagem científica lógico-analítica e hipotético-experimental mostra a sua utilidade para a repetição, ampliando o mundo formalmente e quantitativamente, a linguagem natural analógico-mistérica e poético-comovida, simultaneamente concetual e transconcetual, constrói o mundo, constituindo um conjunto organizado, o mais universal e diferenciado possível. Esta é a perspectiva oferecida pelo criacionismo ideo-realista português, aprofundado nas vias hermenêuticas de Leonardo Coimbra, José Enes e Joaquim Cerqueira Gonçalves. A linguagem científica tem a função de definir e realizar mundos planeados previamente para serem repetidos, a linguagem natural tem a capacidade de construir o mundo de forma progressiva e aberta com a máxima expressão de sentido.³⁹

A linguagem científica lógico-analítica e experimental constitui-se para reproduzir, enquanto a linguagem filosófica analógico-conjetural descobre e inventa não realizando o que já é, mas o que quer ser. Esta capacidade reside no facto de o homem ser capaz de, pela razão, vontade e imaginação, distanciar-se do imediato da configuração dos mundos feitos para planear um projeto de mundo mais rico, onde integra as instâncias de onde partiu. Assim, a filosofia é trabalho e arte, que se organiza no texto. O filósofo é um artífice e a sua razão de ser é produzir obra, isto é, construir um todo organizado na maior expressão das exigências ontológicas. Ao contrário do mundo do artefacto artístico, o mundo da filosofia não é apenas o da coerência, da harmonia, e do gozo a serem disfrutados pelo contemplador, mas exige um complemento de manifestação que não tem teor estético através de uma metalinguagem capaz de tecer o mundo sem que nada fique de fora, havendo uma cumplicidade entre a prática filosófica e o exercício cotidiano em que o filósofo vive e respira.⁴⁰

³⁹ CERQUEIRA GONÇALVES, Joaquim. *Fazer Filosofia – Como e onde?* Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 1995, p. 27.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 36.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antiguo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

Mas na via do pensar global, esta criação de sentido não dispensa o diálogo de complementaridade com todas as ciências disponíveis, assumindo o pluralismo de perspectivas como via dinâmica da realização do ser e aproximação à verdade. Só dessa maneira é possível evitar o absurdo dos anacronismos que impedem a inteligibilidade das fontes e a compreensão da realidade que nos rodeia. Por essa razão, Edgar Morin recorre à epistemologia da complexidade para explicar a dinamismo de um Universo que é relação de ordem, desordem e organização, numa incrementação mútua de contradições que não pode ser superada pela unidade do vazio budista, mas que deve ser aceite como complexidade de harmonia e desarmonia para além do realismo ingênuo da matéria substancial e para além do idealismo do espírito puro absoluto.⁴¹

A filosofia faz-se na História e exige a História da Filosofia, pois a natureza da verdade ou da realidade que desencadeia o movimento da Filosofia não é de carácter imutável e estático, a que o homem só acederia progressivamente por deficiente imperativo da sua radical finitude. A construção do mundo a partir do mundo dado para uma expressão maior, oferece-se no tempo, que não é uma lacuna de ser em que o homem vive em constante procura de o superar, mas é a possibilidade e a tendência do real para se exceder. O tempo encerra este estatuto ontológico, pois nele se dá a radical intencionalidade da expansão da realidade. A dimensão temporal do mundo deve ser concebida, não como degradação e angústia, mas como desenvolvimento em que não é possível atingir a certeza nem conceber a ordem absoluta. Também Morin partilha desta configuração dinâmica de um mundo que se desenvolve na correlação entre organização racional e acaso, defendendo que o conhecimento filosófico atinge um nível da realidade que não pode ser traduzido pela lógica aristotélica do saber total.⁴²

À filosofia compete manifestar o mundo na sua máxima expressão, pelo que o seu

⁴¹ MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gidesa Editorial, 2011, p. 95-96.

⁴² *Ibid.*, 99-100.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

movimento não só tende para o futuro impelido pelas coordenadas dos mundos já constituídos e pela exigência de uma consumação, como terá de os integrar porque estão inseridos no processo. A orientação para o futuro recupera o passado e o presente na construção de um mundo uno, diferenciado e universal. Ao contrário da tradição grega, que desvaloriza o mundo sensível e a temporalidade histórica, a perspetiva judaico-cristã de Joaquim Cerqueira Gonçalves, por nós partilhada, entende que a história está contemplada no plano da consumação universal do Mundo. O desígnio divino da criação não reside num determinismo mecanicista, mas na ação inventiva das suas criaturas em termos bio-físico-químicos (anatomia, fisiologia, redes neuronais) e psico-espirituais (afetividade, racionalidade, consciência), na unidade heterógena de estímulos físicos, transmissões eletroquímicas entre neurónios, representações percetivo-imaginativas e a imaterialidade espiritual do sentimento, do pensamento, da vontade e da linguagem.

Contra o dualismo cartesiano, Edgar Morin refere-se a esta correlação existente no ser humano entre espírito, cérebro e cultura como expressão da correlação ontológica entre espírito e matéria. Recusando a oposição entre a materialidade orgânica e a imaterialidade simbólica-axiológica, entre a atividade nervoso-encefálica do cérebro corpóreo e a atividade psico-intelectiva da alma espiritual, defende que o espírito é uma emergência do desenvolvimento cerebral e intelectual do *homo sapiens*, mediante determinadas condições culturais de aprendizagem e de comunicação linguística decorridas ao longo do processo de hominização. A consciência deste processo dá-se no ser humano enquanto sujeito ou pessoa, unidade corpóreo-espiritual que vive em sociedade.⁴³

Pensar global é pensar a complexidade humana na sua heterogeneidade corpórea de matéria e espírito, com recurso ao conhecimento científico interdisciplinar, e na sua heterogeneidade cultural e civilizacional, com recurso à história universal comparada nas suas diferentes áreas de conhecimento. O pensar global filosófico atende às questões

⁴³ MORIN, Edgar. *El Método 3 – El conocimiento del conocimiento*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2017, p. 88-94.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

universais da inquietação humana na diversidade da sua criação hermenêutica histórico-cultural, identificando a especificidade e originalidade dos seus autores e correntes de pensamento em cada lugar do mundo.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal 39* (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Transcendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antiguo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

Bibliografia

- BAGGINI, Julian. *How the World Thinks. A Global History of Philosophy*. Cambridge: Granta Books, 2019.
- CERQUEIRA GONÇALVES, Joaquim. *Fazer Filosofia – Como e onde?* Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 1995.
- ELBERFELD, Rolf. “La globalisation de l’histoire de la philosophie et l’idée d’une phénoménologie transformative”. In: *Diogenes*, 3, n.º 271-272 (2020): 71-89.
- JASPERS, Karl. *Origen y Meta de la Historia*. Madrid: Revista de Occidente, 1950.
- MORIN, Edgar. *El hombre y la muerte*. Madrid: Editorial Kairós, 1974.
- MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gidesa Editorial, 2011.
- MORIN, Edgar. *El Método 3 – El conocimiento del conocimiento*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2017.
- MORIN, Edgar. *Pensar Global*. Lisboa: Edições Piaget, 2023.
- ORTEGA Y GASSET, José. “El Tema de Nuestro Tiempo”. In: *Obras Completas*, tomo III. Madrid: Taurus, 2005.
- ROLDÁN, Concha. *Philosophy of Globalization*. London: De Gruyter, 2018.
- SARASQUETA, Antxón. *Una visión global de la globalización*, Pamplona: EUNSA, 2003.
- SLOTERDIJK, Peter. *En el mundo interior del capital. Para una teoría filosófica de la globalización*. Madrid: Ediciones Siruela, 2019.
- SYMONS, John. “The Ideal of Global Philosophy in an Age of Deglobalization”. In: *Global philosophy*, vol. 33, article18 (2023): 1-6.